

Léon Denis

O Progresso

A scenic sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, casting a bright orange glow across the sky and reflecting on the water. A sailboat is visible on the left side of the water. In the background, there are silhouettes of mountains and a pier. The overall atmosphere is peaceful and serene.

CAPÍTULO VI – O Passado e o Futuro

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VI)

Índice

Assunto	Origem	Pagina
O Passado e o Futuro	O Progresso	03
As dores do mundo	O Consolador	05
Marcha do progresso e civilização	O Consolador	06

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VI)

O progresso – Léon Denis Capítulo VI – O Passado e o Futuro

Conclusão

Na primeira parte deste estudo, seguimos a marcha do progresso através dos séculos. É uma dolorosa história: a humanidade conquistando, pela luta, pelo sangue, à custa de lágrimas e suplícios, seus direitos e suas liberdades.

Após cada passo para frente, vê-se o espírito de egoísmo e de dominação se erguer sobre sua passagem, porém sempre em vão.

Apesar da tortura e da fogueira, apesar do patíbulo, apesar dos massacres, pedaço por pedaço, os direitos do pensamento e da consciência se revelam e se afirmam. Cada geração traz seu tributo de dores, de trabalho, de esforços e a herança comum aumenta sem cessar.

De século em século, o homem, por seu gênio, triunfa sobre os obstáculos acumulados em sua rota, livra-se da sombra das superstições e se eleva para a luz. Ele descobre as leis eternas e as realiza nas instituições sociais. Pouco a pouco, as velhas iniquidades desaparecem. A escravidão, o servilismo e a tortura desaparecem, um após o outro. A ignorância diminui, a liberdade aparece em alguns pontos do globo e, no meio desses prodigiosos esforços, acima dos diversos organismos sociais – tribos, raças, cidades, reinos, impérios – alguma coisa maior se elabora e se desenvolve, lentamente, através dos tempos: é a civilização que, após ter sido sucessivamente asiática, grega, romana e ocidental, tende a se tornar universal, unindo os povos numa aspiração comum, para formar o grande ser coletivo, o Ser Humanidade.

Todavia, se o tempo de servidão, de esmagamento, tem fim, se um mundo novo se prepara, nós, que aproveitamos das conquistas da ciência, nós que vivemos nos tempos melhores, não esqueçamos aqueles que, nas sombrias épocas da História, prepararam, no sofrimento e nas lágrimas, os benefícios que gozamos hoje. Não esqueçamos os pensadores, os lutadores 35 austeros que morreram na luta, que caíram combatendo pelo direito e pela verdade.

A democracia e a ciência, também elas, têm seu calendário, eu digo, seu calendário, e têm seu panteon sublime, o panteon que esses grandes mortos habitam, esses poderosos espíritos que planam acima de nós e que nos inspiram!

Veneremos esses mortos gloriosos. Honra a vós, ilustres mártires, que sofrestes por todas as idéias úteis, fecundas e generosas. Para vós, ilustres mártires, que consagrastes vossas vigílias, vossa saúde e vossa vida na busca dos grandes problemas; para todos vós que, pelo bem da humanidade, fostes perseguidos e torturados, mortos nos calabouços e nas forcas, honra para todos vós em todos os séculos! Vossa obra não está perdida, oh! não! O que criastes na dor nós recolhemos e essa herança sagrada nós conservaremos preciosamente e transmitiremos, engrandecida e aumentada, aos que vierem depois de nós.

Assim como o passado prepara o presente, este, que somos nós, deve preparar o futuro; eis aí a lei da imensa solidariedade que une todos os tempos e todas as raças.

Nossos antepassados lutaram por nós, trabalhem, por nossa vez, para nossos descendentes. Aliás, não conhecemos todos os segredos do passado. Quem sabe se não chegaremos um dia a colher na paz e na alegria o que semearmos na dor. Tudo se encadeia na vida dos seres e na história do mundo; cada século e cada geração têm seu papel fecundo e glorioso.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VI)

O século XVI viu o renascimento das artes e o sentimento do belo emergir da noite da Idade Média. O século XVII foi a eclosão do pensamento, o século XVIII viu o triunfo da razão, a grande revolução, e o século XIX é o século da ciência.

O século XX, que está próximo, será o complemento, o coroamento dos séculos anteriores. Escutai os surdos rumores que rompem de todas as partes. Por todos os cantos os povos se agitam, ansiosos para sacudir a antiga opressão monárquica e clerical. A Europa está em armas, é verdade, milhões de baionetas brilham ao sol, porém as nações não suportam mais 36 essa situação que as arruína. Elas voltam as costas ao espírito de conquista e se dirigem aos homens de pensamento.

O despotismo estertora e o velho mundo agoniza. O gênio do nosso país se separa das correntes seculares de Roma e convida os povos para fundar a nova era, a era da concórdia, do trabalho e da pacificação universal.

Apesar de todos os egoísmos, essa era aparecerá, porque a corrente da civilização ali chegou tão necessariamente como os cursos d'água chegam ao mar.

Dia virá em que todos os flagelos, criados pelo erro, morrerão. A guerra cessará, as superstições se extinguirão, a força desaparecerá. O saber regenerará o mundo e, diante dessa grande luz, os preconceitos seculares, os ódios entre as classes e entre as nações desaparecerão, como as brumas matinais diante do sol de julho.

Esses tempos ainda estão longe, dirão! Não muito longe, responderei eu, se soubermos prepará-los, não tão longe se nos tornarmos dignos deles, nós e todos os nossos semelhantes.

Não basta se dizer republicano; é preciso que o sejamos pelos costumes e pelo caráter; é necessário que cada um de nós trabalhe para se instruir, para se moralizar e para se tornar melhor.

Que cada um espalhe em torno de si idéias de justiça e de solidariedade e o futuro será nosso. Tenhamos confiança. Que todos cumpram seu dever. A grande lei da vida é o trabalho, é o progresso, cumpramo-la!

Todos unidos, de mãos dadas, marchemos juntos para o futuro e que nossa divisa seja:

“Para frente, sempre para frente e para o Alto!”

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VI)

Crônicas e Artigos

Nº 255 – 08/04/2012

O Consolador – (Marcus Vinícius de Azevedo Braga)

I. O Passado e o Futuro

As dores do mundo

No estudo do capítulo V d'O Evangelho segundo o Espiritismo, "Bem-aventurados os aflitos", Kardec discorre sobre as dependências do sofrimento a causas presentes e futuras, em um movimento contínuo de aprendizado pelas experiências das provas e das expiações, produzidas e reproduzidas em nossa história.

Como viajores, seguimos arrastando a nossa inferioridade e, motivados pelo nosso sonho de angelitude, recolhendo frutos do passado e plantando sementes para o futuro, no mágico momento do presente, como chave de todas as mudanças e do crescimento.

Essa herança nos oferece desafios que nos oportunizam o avanço rápido pelas vitórias ou pelo avanço lento das reincidências, mas, em um eterno caminhar evolutivo, em interação com o nosso próximo, na realidade clara de que o crescimento evolutivo é uma tarefa individual, mas que só tem sentido no coletivo.

Esquecemos o passado, mas não o desprezamos, como fonte de fortalecimento de nossas fraquezas e de identificação dos vínculos que construímos, e que, pela Lei da vida, nos obrigam à reparação pela via da convivência e da reconstrução.

A semeadura é livre e a colheita é obrigatória. Assevera-nos o mesmo Evangelho que a Lei é de Amor e que Deus é misericordioso e, não, impiedoso. Encarnamos para aprender a amar e não para pagar dívidas cobradas de um deus cruel.

As dores do mundo são instrumentos, agulhões de crescimento, pois nas palavras do livro Missionários da Luz, de André Luiz, "(...) a reencarnação é o meio, e a educação divina é o fim", onde nossas provas são planejadas, ancoradas no passado, mas mirando no futuro, nos Espíritos perfeitos.

Assim, a postura diante da dor, na visão espírita, nos remete a uma resignação positiva, de superação e de crescimento com as dificuldades. A luta pela evolução descrita por Darwin assume aspectos da superação, da conversão de dificuldades em estímulos e na adaptação rumo ao bem, na obrigação indelegável de todos na construção de um mundo melhor, como ferramenta de crescimento espiritual.

Entregar-se à autocomiseração não nos permite a reflexão, a modificação e a superação. Agir diante das dificuldades é o grande desafio. Os anais espíritas, dentre outros, exalta o grande exemplo de Jerônimo Mendonça Ribeiro, que, acometido de uma enfermidade, acabou tendo que ficar em uma cama ortopédica, o que não o impediu de tornar-se orador espírita e transformar seu leito numa tribuna pelo Brasil todo, viajando em uma Kombi.

Desse modo, diante da pequena e da grande dor, mais do que remoer a explicação das causas do passado, nos cabe avançar na construção do futuro, na certeza da justiça divina, mas no dever de aproveitar a nova oportunidade, customizada para as nossas necessidades evolutivas, ainda que, por vezes, não consigamos enxergar essa realidade de uma forma integral.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VI)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 38 – 13/01/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

I. O Passado e o Futuro

Marcha do progresso e civilização

A marcha do progresso é sempre ascensional

1. O progresso, para ser legítimo, não pode prescindir da elevação moral dos homens, que se haure no Evangelho. As conquistas da inteligência, embora valiosas, sem a santificação dos sentimentos conduzem ao desvario e à destruição. Para serem autênticas, as aquisições humanas devem alicerçar-se nos valores éticos, sem os quais o conhecimento se converte em vapor tóxico que culmina por aniquilar quem o detém.

2. A Humanidade progride por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e se instruem. Quando estes preponderam em número, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos em tempos surgem no seio dela homens de gênio que lhe dão um impulso. Vêm depois, como instrumentos de Deus, os que têm autoridade e, em alguns anos, fazem-na adiantar de muitos séculos.

a do progresso é sempre ascensional, quer no campo intelectual, quer no campo moral. Mas o fato de uma nação haver progredido cientificamente mais do que outra não significa que seja moralmente mais adiantada. Civilizar quer dizer progredir, mas esse progresso nem sempre é completo. Para se chegar a um estado de civilização completa, de Humanidade moralmente evoluída, muitas conquistas deverão ser realizadas, tanto no campo moral, quanto no intelectual.

Uma civilização incompleta é um estado transitório

4. Há, pois, diferenças entre civilização completa e povos esclarecidos. Quando um povo sai do estado selvagem ou de barbárie e, por força do progresso, adquire novos conhecimentos, tem início o processo de civilização, mas essa civilização é ainda incompleta porque incompleto é seu progresso.

5. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Nem por isso, no entanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz em si mesmo o remédio para os males que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecem todos com o progresso moral.

6. Assim, de duas nações que hajam chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência puder desenvolver-se com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; onde, enfim, todo o homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário.

Reconhece-se uma civilização completa pelo seu desenvolvimento moral

7. Ensina o Espiritismo (L.E., item 793) que podemos reconhecer se uma civilização é completa pelo seu desenvolvimento moral. Nenhuma sociedade tem verdadeiramente o direito de dizer-se civilizada senão quando dela houver banido os vícios que a desonram e quando ali as pessoas viverem como irmãos, praticando a caridade cristã. Até que isso seja alcançado, ela será apenas um conjunto de pessoas esclarecidas, que terão percorrido a primeira fase da civilização.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VI)

8. Deve-se a Hamurabi o mais antigo conjunto de leis conhecidas pela Humanidade, em que se revela uma visão de eqüidade avançada para a época, quando o poder predominava sobre o direito e a supremacia do vencedor sobre o vencido constituía regra, geral.

9. Posteriormente, pela necessidade de estabelecerem códigos que pudessem reger seus integrantes, ora subordinados às diretrizes religiosas, ora aos impositivos éticos sobre que colocavam suas bases, as civilizações terrenas formaram seus estatutos de justiça e ordem.

10. Dentre os primeiros moralistas, da escola ingênua, aos grandes legisladores, ressaltam as figuras de Moisés, instrumento do Decálogo, e Jesus, o excelso paradigma do amor, os quais nos facultaram os códigos que fornecem ao ser humano um roteiro seguro em sua marcha na direção da perfeição.

No futuro não haverá necessidade de leis tão rigorosas

11. Do Direito Romano aos modernos tratados, as fórmulas jurídicas têm evoluído e apresentado dispositivos e artigos cada vez mais concordes com o espírito de justiça do que com as ambições do comportamento individual e grupal.

12. A civilização criou necessidades novas para o homem, necessidades relativas à posição social que ele ocupa, e é preciso regular, por meio de leis humanas, os direitos e os deveres que daí decorrem. Quanto menos evoluída a sociedade, mais duras são as suas leis. Evidentemente, uma sociedade depravada precisa de leis severas, mas essas leis, infelizmente, mais se destinam a punir o mal do que a lhe secar a fonte.

13. Com a educação – único meio de reformar os homens – não haverá, no futuro, necessidade de leis tão rigorosas, porque o homem transformado será, não apenas o apoio dos mais fracos, mas o fiscal dos próprios atos.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos,(itens 789 a 797.)

Ângelis Joanna de, As Leis Morais da Vida, (psicografia Divaldo Franco), (item 37.)

Ângelis Joanna de, Estudos Espíritos, (psicografia Divaldo Franco), (págs. 87,88.)